

Estilos Educativos Parentais e Comportamentos de Vinculação das Crianças em Idade Escolar

Sónia Simões, Carlos Farate, Margarida Pocinho

A teoria da vinculação pressupõe que o indivíduo tem a necessidade (básica) de desenvolver vínculos emocionais ao longo da sua vida. Este processo inicia-se durante o primeiro ano de vida do bebé ao estabelecer um vínculo privilegiado com a figura que assegura a sua segurança e proteção. Assim, um postulado da teoria da vinculação é que o bebé tem, desde muito cedo, a capacidade para estimular os cuidados e a atenção das potenciais figuras cuidadoras e, conseqüentemente, de promover o investimento parental (Bowlby 1984). Mas a presença de uma relação de vinculação é diferente da análise da qualidade dessa relação de vinculação (Ungerer e McMahon 2005; Weinfield, Sroufe, Egeland e Carlson 1999). Além disso, a segurança ou insegurança da vinculação não deverão ser consideradas características da criança, mas antes o reflexo de uma relação particular entre a criança e a figura vincular de referência (Ainsworth, Blehar e Waters 1978; Soares 2002), uma vez que esta relação é coconstruída pela figura de vinculação e pela criança (Soares 2007).

Deste modo, a teoria da vinculação pressupõe que os pais que são cuidadores emocionalmente apoiantes, afetuosos, sensíveis e responsivos promovem uma vinculação segura com os seus filhos, com conseqüências desenvolvimentais positivas (Bowlby 1984).

Apesar de a teoria da vinculação desenvolver essencialmente o estudo da sensibilidade materna, tem sido reconhecida a importância de estudar as práticas educativas específicas e os estilos educativos que os

pais utilizam na educação dos seus filhos, na medida em que podem ajudar a explicar a qualidade da vinculação da criança, bem como algumas das associações entre a vinculação e o desenvolvimento infantil (Minzi 2006; De Wolff e Ijzendoorn 1997; Kerns, Aspelmeier, Gentzler e Grabill 2001; Kerns, Tomich e Kim 2006). No entanto, é escassa a literatura sobre a relação entre a vinculação da criança e os estilos educativos parentais (Karavasilis, Doyle, e Markiewicz 2003; Roelofs, Meesters e Muris 2008).

ESTILOS EDUCATIVOS PARENTAIS

A partir das diferentes definições que podemos encontrar na literatura sobre parentalidade (Cruz 2005; Hoghughli 2004; Newman e Grauerholz 2002) é possível concluir que esta noção se refere ao processo maturativo que conduz à reestruturação psicoafetiva de dois adultos, a fim de que possam cumprir as suas funções parentais. Nesta perspetiva, as figuras parentais deverão responder às necessidades físicas, afetivas e psicológicas dos filhos, com vista ao seu pleno desenvolvimento. Um dos métodos de abordagem empírica da parentalidade é o estudo dos estilos educativos parentais.

O estilo educativo parental compreende as atitudes que os pais têm relativamente às crianças e o clima emocional em que essas atitudes são comunicadas aos seus filhos (Sigel e McGillicuddy-De Lisi 2002), devendo ser entendido mais como um contexto em que ocorre a socialização do que como uma prática de socialização em si (Darling e Steinberg 1993).

O estudo da parentalidade tem identificado duas dimensões principais: a dimensão suporte/afeto e a dimensão controlo. A dimensão suporte/afeto reúne os comportamentos dos pais que contribuem para que a criança se sinta confortável, aceite e aprovada enquanto pessoa. A presença de suporte/afeto parental caracteriza-se por um comportamento carinhoso e responsivo face à criança, concretizado através do suporte parental, expressão de afeto positivo, uso do reforço positivo, aceitação da criança, bem como da vinculação e da sensibilidade e responsividade adaptadas às necessidades da criança, em oposição à presença de rejeição e criticismo (Barber 2006; Davidov e Grusec 2006; Grusec, Goodnow e Kuczynski 2000; Pettit, Bates e Dodge 2000).

Por sua vez, a dimensão controlo é instrumental e agrupa os comportamentos que os pais desenvolvem com o objetivo de orientar o

comportamento da criança no sentido por eles desejado (Barber 2006; Darling e Steinberg 1993; Maccoby e Martin 1983). Na linha dos autores que consideram a existência de três dimensões do comportamento parental – suporte, controlo comportamental e controlo psicológico – o controlo pode, então, ser subdividido em duas dimensões independentes, conceptualizadas empiricamente através dos construtos controlo comportamental e controlo psicológico (Kuppens, Grietens, Onghena e Michiels 2009). O controlo comportamental coloca a ênfase no comportamento da criança, com o objetivo de controlar ou gerir o seu comportamento, através da disciplina, monitorização e supervisão (e.g. responsabilidades em casa, modo de se comportar), ao passo que o controlo psicológico enfatiza o controlo dos processos psicológicos da criança (e.g. sentimentos, expressão verbal, identidade). E, nesta continuidade, os dois tipos de controlo associam-se a diferentes tipos de problemas emocionais e comportamentais, sendo que o controlo comportamental se relaciona com problemas de externalização, enquanto o controlo psicológico se associa a diferentes variáveis do ajustamento emocional (Barber 2006).

A investigação tem concluído que, em geral, a dimensão suporte/afeto se relaciona positivamente com o desenvolvimento da criança em diversos domínios, ao promover a internalização¹ e a obediência, bem como competências de socialização. Por outro lado, a dimensão suporte/afeto é ainda associada a menos problemas emocionais e comportamentais e a menos problemas de internalização e de externalização². Neste sentido, os estilos parentais caracterizados por suporte e afeto promovem maior competência social e cognitiva da criança; maior autoestima; menos problemas de comportamento; melhor desempenho escolar; um comportamento pró-social e uma vinculação mais segura (Baumrind 1989, 1991; Davidov e Grusec 2006; Dishion e McMahon 1998; Grolnick e Gurland 2002; Kuppens et al. 2009; Michiels, Grietens,

1 A internalização no contexto do processo de desenvolvimento da criança remete para o processo natural pelo qual a criança adquire, no exterior, crenças, atitude e regras comportamentais e as incorpora de modo a transformarem-nas em valores próprios ou mecanismos reguladores (Grolnick e Gurland 2002; Grusec e Ungerer 2003; Kochanska e Aksan 2006).

2 No contexto dos comportamentos de perturbação psicoafectiva na criança, os problemas de externalização incluem comportamentos de oposição, agressivos e hiperatividade, enquanto os problemas de internalização incluem ansiedade, depressão e sintomatologia somática (DSM-IV-TR 2002). Os problemas de internalização e de externalização são as perturbações mais comuns no período escolar (Achenbach e Howell 1993).

Onghena e Kuppens 2010; Muris, Meesters e van der Berg 2003). Em oposição, os estilos parentais que recorrem mais à rejeição e ao controlo, principalmente o controlo psicológico, estão associados a resultados mais negativos na criança, uma vez que esta tende a manifestar mais problemas de internalização e de externalização, bem como uma vinculação mais insegura (Muris, Meesters, Merckelbach e Hülsenbeck 2000; Muris et al. 2003; Brown e Whiteside 2008; Pereira, Canavarro, Cardoso e Mendonça 2009).

Consequentemente, os investigadores que recorrem ao EMBU-P para avaliar a perceção do pai e da mãe sobre o seu comportamento parental, referem que a mãe, em comparação com o pai, percebe níveis mais elevados de suporte emocional, de tentativa de controlo e de rejeição (Castro, Pablo, Gómez, Arrindell e Toro 1997; Pereira et al. 2009). No que respeita à variável género da criança, têm sido encontradas diferenças nos comportamentos parentais dos pais em relação às raparigas e aos rapazes, ainda que os resultados sejam bastante contraditórios (Baumrind 1971; Pinderhughes, Dodge, Bates, Petti e Zelli 2000). Por outro lado, alguns estudos referem que, tanto o pai como a mãe, percebem maior rejeição relativamente aos rapazes (Canavarro e Pereira 2007). Por seu lado, Pereira (2007) relacionou os quatro padrões de estilos parentais educativos com o género das crianças e verificou que o padrão apoiante reúne um número significativamente mais elevado de crianças do género feminino.

À medida que a criança avança no ciclo vital, a sua relação com os pais sofre alterações e a sensibilidade parental assume características diferentes. A área da parentalidade tem definido as características do comportamento parental que melhor contribuem para o desenvolvimento das crianças em idade escolar, considerando-se que uma parentalidade sensível é aquela que encoraja a autonomia psicológica da criança e, em simultâneo, monitoriza as suas atividades, estabelecendo limites adequados à idade da criança num contexto de envolvimento afetivo (Karavasilis et al. 2003).

Segurança da Vinculação

A teoria da vinculação postula que, quando a criança se sente *stressada* ou ameaçada, organiza o seu comportamento de vinculação com o objetivo de encontrar um ‘porto seguro’ na figura de vinculação, enquanto a criança que se sente segura utiliza a mesma figura de vinculação como base de suporte à exploração do meio (Ainsworth et al. 1978; Kerns, Schlegelmilch, Morgan e Abraham 2005). No que respeita à representação

da vinculação, os indivíduos com uma vinculação mais segura têm um modelo mental do seu cuidador como sendo responsivo e disponível, tendendo a ver-se a si próprios como merecedores de afeto e aos outros como responsivos e apoiantes, enquanto os indivíduos com uma vinculação menos segura tendem a ver-se a si próprios como não merecedores de afeto e aos outros como rejeitantes, não responsivos ou como inacessíveis e não confiáveis (Bosmans, Braet, van Leeuwen e Beyers 2006; Dwyer 2005; Ungerer e McMahon 2005).

Desta forma, a criança em idade escolar continua a perceber os seus pais como as principais fontes de suporte e de segurança, potencialmente disponíveis quando necessita deles, nomeadamente em estados emocionais de desconforto e de *stress* (Franco e Levitt 1998; Kerns et al. 2001, 2005, 2006; Marvin e Britner 1999; Mayseless 2005). Também em situações de aflição (e.g. doença), ou de separação (e.g. entrada na escola ou internamento), os comportamentos de vinculação podem ser ativados de forma similar ao que ocorria durante os primeiros anos de vida da criança (Sánchez 2008).

Nos anos mais recentes, tem havido uma crescente expansão dos instrumentos de avaliação da vinculação da criança em idade escolar, tendo sido desenvolvidas medidas baseadas nos relatos dos pais e dos professores e no autorrelato da criança. Os instrumentos baseados no relato da criança podem ser divididos em questionários, análise de desenho e técnicas de discurso narrativo (para uma revisão, ver Dwyer 2005; Kerns et al. 2005). Todavia, a avaliação da vinculação de crianças em idade escolar ainda parece estar relegada para segundo plano, em comparação com a avaliação da vinculação na primeira infância, reconhecendo os autores a necessidade de se avaliar o desenvolvimento da vinculação durante o período escolar (Dwyer 2005; Kerns et al. 2005; Mayseless 2005; Younger, Corby e Perry 2005). Este menor desenvolvimento do estudo da vinculação durante o período escolar é devido, em parte, ao escasso desenvolvimento da própria teoria da vinculação para além da infância (Thompson e Raikes 2003), bem como a questões metodológicas relacionadas com a conceptualização e operacionalização do construto vinculação nesta fase de desenvolvimento (Dwyer 2005; Kerns et al. 2005).

ESTILOS EDUCATIVOS PARENTAIS E QUALIDADE DA VINCULAÇÃO EM PERÍODO ESCOLAR

A qualidade dos cuidados parentais tem sido identificada em vários estudos longitudinais como a variável mais importante para o desenvolvimento da criança (e.g. Sroufe 2002). Assim, o modo com são prestados cuidados à criança, desde o seu nascimento vai influenciar o funcionamento do sistema de vinculação da criança, sendo referido na literatura que a sensibilidade materna tem um papel essencial no desenvolvimento de uma vinculação segura na criança (Ainsworth et al. 1978; De Wolff e Ijzendoorn 1997; Soares 1996; Younger et al. 2005).

Perante as associações modestas entre a vinculação da criança e a sensibilidade materna (De Wolff e Ijzendoorn 1997), vários autores têm proposto que devem ser contempladas outras dimensões da parentalidade com influência nas relações de vinculação primária. Deste modo, tem sido reconhecida a importância de analisar outras variáveis, individuais e contextuais, que interferem na qualidade da vinculação e no processo de transmissão intergeracional da vinculação (Sroufe 2002; Thompson e Raikes 2003; Ijzendoorn e Sagi-Schwartz 2008), como são exemplos o suporte/afeto parental, a monitorização, o controlo comportamental e psicológico, as exigências parentais e as estratégias disciplinares (De Wolff e Ijzendoorn 1997; Howard 2010; Karavasilis et al. 2003).

A vinculação segura associa-se a uma história familiar satisfatória e, também, a um estilo educativo caracterizado por suporte, afeto, responsividade às necessidades da criança e contingência na resposta aos seus comportamentos, mas, em simultâneo, promotor da autonomia psicológica (Karavasilis et al. 2003; Mayseless 1996; Sánchez 2008). Por seu lado, a vinculação insegura associa-se a níveis mais baixos de comportamento parental autorizado, ou seja, maior utilização da rejeição e da sobreproteção e, de igual modo, menor utilização de suporte e afeto (Muris et al. 2003; Roelofs, Meesters, Huurne, Bamelis e Muris 2006; Roelofs et al. 2008). Há ainda estudos que diferenciam estilos educativos parentais, em função da natureza insegura-evitante ou insegura-ambivalente da vinculação (Brown e Whiteside 2008; Karavasilis et al. 2003; Muris et al. 2000).

Bowlby (1973) fez, pela primeira vez, a ligação entre a vinculação segura e os estilos educativos parentais de Baumrind, elegendo o estilo autorizado como o mais vantajoso na promoção de uma vinculação segura (Page e Bretherton 2001). Assim, o autor propôs que um ambiente familiar caracterizado por controlo parental excessivo e sobreproteção

seria associado a diversos problemas, como a ansiedade, enquanto um estilo parental caracterizado pelo suporte e pelo afeto na relação com a criança teria maior probabilidade de se associar a uma vinculação segura e a resultados desenvolvimentais mais positivos (Bowby 1973). A literatura existente tem referido, por outro lado, associações entre o estilo educativo autorizado – caracterizado por níveis elevados de envolvimento afetivo e de controlo comportamental – e uma vinculação segura da criança em idade escolar (Karavasilis et al. 2003; Roelofs et al. 2006, 2008). Assim, os resultados sugerem que uma parentalidade que promova a individualidade da criança, através do encorajamento à autonomia num contexto de suporte, afeto e responsividade, pode também facilitar o desenvolvimento de uma representação interna positiva do self como sendo amado e da mãe como estando disponível (Karavasilis et al. 2003). Contudo, há outros estudos que só encontram uma associação entre o padrão de vinculação da criança e o estilo educativo do pai, verificando que as crianças com uma vinculação insegura têm um pai com pontuações mais baixas de comportamento autorizado (e.g. Roelofs et al. 2008).

Mais especificamente, os estudos que utilizam o EMBU para avaliar o comportamento parental têm descrito uma associação entre vinculação insegura e níveis mais baixos de comportamento parental autorizado (Roelofs et al. 2008). Assim, as crianças mais inseguras reportam níveis mais elevados de rejeição parental e de sobreproteção e, em oposição, níveis mais baixos de suporte/afeto parental (Muris et al. 2000, 2003).

Em geral, os estudos indicam que os estilos educativos parentais de suporte, afeto e aceitação estão relacionadas com o estabelecimento de uma vinculação segura na criança (Baumrind 1991; Kerns et al. 2001; De Wolf e Ijzendoorn 1997; Michiels et al. 2010; Roskam, Henry, Collin e Manil 2008). Deste modo, o suporte parental parece ser um preditor do ajustamento emocional da criança e do adolescente, particularmente importante durante as transições de vida da criança, como, por exemplo, na sua entrada para a escola (Allen, McElhaney, Land, Kuperminc, Moore et al. 2003; de Minzi 2006; Kerns et al. 2001).

Em linha com a revisão teórica efetuada, são objetivos do estudo empírico apresentado neste artigo: 1) Avaliar a relação entre a perceção materna dos estilos educativos e da qualidade do comportamento de vinculação dos filhos em idade escolar. 2) Examinar quais são as dimensões da perceção da mãe sobre o comportamento parental, avaliada pelo EMBU-P, preditoras da segurança da vinculação da criança, avaliada através da pontuação global do PCV-M.

METODOLOGIA

Este artigo apresenta os resultados parciais de um projeto de investigação desenvolvido através de um estudo observacional, não experimental e transversal.

Participantes

O trabalho de campo foi realizado numa amostra comunitária de base escolar e recorreu a mães de 93 crianças em idade escolar, com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos, a frequentarem 3 escolas do 1º ciclo do ensino básico no concelho de Coimbra.

A idade das mães variou entre os 25 e os 46 anos, numa média de 36.26 anos (DP=5.35). No que respeita às habilitações literárias das mães, a maioria das mães completou o 3º ciclo do ensino básico (30.43%) ou o ensino secundário (31.52%), seguindo-se o ensino superior (22.83%), o 2º ciclo do ensino básico (10.87%), sendo que só uma minoria concluiu apenas o 1º ciclo do ensino básico (4.35%). A maior parte das mães está empregada (89.13%). No que respeita ao estado civil, a maioria é casada ou vive em união de facto (82.8%), seguindo-se as mães separadas e divorciadas (10.8%), restando uma minoria solteira (5.4%) e existindo apenas um caso de viuvez (1,1%). A análise da composição do agregado familiar revelou que a maioria das crianças (87.8%) vive com ambos os pais e com os irmãos, sendo que menos de 1 criança em 10 (8.9%) vive apenas com a mãe, coabitando ou não com outros familiares. O número de filhos variou entre 1 e 5 com uma média de 1.85 (DP=0.74), sendo mais frequente a mãe ter dois filhos (59.1%), seguindo-se uma percentagem significativa de mães com apenas 1 filho (30.1%) e sendo menos frequentes as famílias que têm de 3 a 5 filhos (10.8%).

As idades das crianças variam entre 6 e 10 anos com uma média de 7.74 anos (DP=1.15). Verifica-se, ainda, que um número semelhante de crianças frequenta cada um dos anos de escolaridade, respetivamente 23.7%, 25.8%, 30.1% e 20.4%

Procedimento

Foi solicitado que as mães das crianças em idade escolar preenchessem o EMBU-P, o PCV-M e o Questionário de Caracterização da Criança e do Contexto Familiar.

Medidas

Caracterização da Criança e do Contexto Familiar

Com o objetivo de obter uma caracterização da amostra em estudo foi

utilizado um questionário psicossocial (adaptado de Farate, Pocinho e Machado 2010) composto por um conjunto de questões fechadas e pré-codificadas, organizadas segundo 10 secções.

Percepção Materna do Estilo Educativo Parental

A percepção que a mãe tem do seu estilo educativo foi avaliada através do *Egna Minnen Besträffande Uppfostran-P* (EMBU-P; Castro, Pablo, Gómez, Arrindel e Toro 1997; versão portuguesa de Canavarro, Pereira e Canavarro 2003). Este instrumento psicométrico foi desenvolvido a partir do original EMBU de Perris, Jacobsson, Lindstrom, von Knorring e Perris (1980) que avalia as memórias dos adultos sobre o comportamento parental dos seus pais.

A versão portuguesa do EMBU-P é composta por 3 fatores (suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo), dispostos em 42 itens organizados em escala ordinal tipo *Likert* com quatro alternativas de resposta (1: 'não, nunca'; 2: 'sim, às vezes'; 3: 'sim, frequentemente'; 4: 'sim, sempre'), sendo pedido à mãe que escolha a resposta que melhor reflete o comportamento que teve ou tem para com o seu filho.

A escala *suporte emocional* destina-se a avaliar os estilos educativos caracterizados pela expressão verbal e física de suporte afetivo dos pais, a aceitação parental e a disponibilidade física e psicológica. A escala *rejeição* contempla os itens que avaliam a manifestação de hostilidade/agressão verbal e física dos pais e não-aceitação da criança. A escala *tentativa de controlo* reúne os itens em que os pais empreendem tentativas de controlar o comportamento dos filhos, demonstrações de exigência e de grande preocupação em relação ao bem-estar dos filhos (Canavarro e Pereira 2007a).

Os coeficientes de *alpha de Cronbach* apresentam valores aceitáveis de consistência interna no EMBU-P respondido pelas mães: .70 na escala suporte emocional; .63 na escala rejeição; e .54 na escala tentativa de controlo (Canavarro e Pereira 2007a).

Neste estudo, o EMBU-P mostrou valores de *alpha de Cronbach* adequados, próximos dos indicados pelos autores, designadamente de .798, .723 e .703, respetivamente, para as escalas suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo do EMBU-P. Assim, a consistência interna do EMBU-P oscila entre o razoável e o bom.

Qualidade do Comportamento de Vinculação da Criança

A avaliação a percepção da mãe relativamente aos comportamentos de vinculação do seu filho, no período escolar, foi realizada com recurso à

Escala de Percepção Materna do Comportamento de Vinculação da Criança (PCV-M de Dias, Soares e Freire 2002). Este instrumento baseia-se na opinião da mãe acerca de um conjunto de comportamentos que o filho pode ter apresentado ou apresenta, na relação que estabelece com os pais, sendo constituído por 33 itens cotados numa escala tipo *Likert* de 5 pontos em que 1 significa ‘totalmente diferente do meu filho(a)’ e 5 ‘totalmente parecido com o meu filho(a)’.

O PCV-M contempla três dimensões importantes do comportamento de vinculação de crianças em idades escolar: autorregulação emocional, partilha de afeto, comportamento base-segura, incluindo ainda a dimensão desejabilidade social das mães (Dias et al. 2002). Considera-se que o funcionamento apropriado da criança nestas dimensões resulta de uma relação de vinculação segura (Martins, Soares e GEV 2007).

A dimensão *dificuldades de autorregulação emocional* avalia indicadores de insegurança da relação de vinculação, quando o sistema de vinculação da criança é ativado; a dimensão *comportamento base-segura* permite avaliar os comportamentos indicadores de utilização das figuras de vinculação como base-segura para a exploração; a *partilha de afeto* é a dimensão que reporta os comportamentos de partilha de experiências e afetos com as figuras de vinculação; por fim, a dimensão *desejabilidade social* descreve itens com pouca probabilidade de serem observados nesta idade, tendo por objetivo identificar valores de desejabilidade social que possam comprometer a validade das respostas dos pais (Martins et al. 2007). A pontuação global do PCV-M é um indicador da percepção materna da segurança da vinculação, resultando do somatório das 4 subescalas em que a subescala dificuldades de autorregulação emocional é contabilizada com os itens invertidos (Dias et al. 2002).

No estudo preliminar da escala (Dias et al. 2002), a consistência interna do PCV-M revela os valores de *alpha de Cronbach* de .88, .82, .76, .86, respetivamente nas dimensões dificuldades de autorregulação emocional (DARE), comportamento base segura (CBS), partilha de afeto (PA) e PCV-M global.

De igual modo, o nosso estudo revelou bons índices de consistência interna, com valores para o *alpha de Cronbach* de .829, .770, .769, .758 e .859, respetivamente nas dimensões dificuldades de autorregulação emocional, comportamento base-segura, partilha de afeto, desejabilidade social e escala global; valores que podem ser classificados como bons.

RESULTADOS

Correlação entre a Perceção Materna do Comportamento de Vinculação e a Perceção Materna do Estilo Educativo

Podem ler-se, na Tabela 1, as principais correlações entre as perceções maternas do estilo educativo e a qualidade de vinculação do seu filho.

Tabela 1 - Correlação entre a perceção materna do comportamento de vinculação e do estilo educativo

PCV-M	EMBU-P		
	Suporte Emocional	Rejeição	Tentativa Controlo
Comportamento Base Segura	.394**	-.269**	.070
Partilha de Afeto	.385**	-.187	.108
Dificuldades Autorregulação Emocional	-.276**	.420**	.215*
Desejabilidade Social	.315**	-.475**	-.020
Pontuação Global PCV-M	.415**	-.480**	-.161

* $p < .050$; ** $p < .010$ (*Rho Spearman*)

Os resultados evidenciam que, no que respeita à correlação entre estilos educativos parentais e comportamento de vinculação da criança, existe uma associação positiva significativa da dimensão suporte emocional do EMBU-P com a pontuação global do PCV-M ($\rho = .415$, $\alpha < .01$), evidenciando também associações com cada uma das subescalas do PCV-M consideradas separadamente. Neste sentido, a dimensão suporte emocional do EMBU-P relaciona-se positivamente com a subescala comportamento base segura ($\rho = .394$, $\alpha < .01$) e com a subescala partilha de afeto ($\rho = .385$, $\alpha < .01$) e, em oposição, correlaciona-se, de modo negativo, com as dificuldades de autorregulação emocional ($\rho = -.276$, $\alpha < .01$) do PCV-M.

Por outro lado, existe uma correlação negativa entre a dimensão rejeição do EMBU-P e a pontuação global do PCV-M ($\rho = -.480$, $\alpha < .01$) e também com a subescala comportamento base segura ($\rho = -.269$, $\alpha < .01$). Por outro lado, correlaciona-se com um sinal positivo com as dificuldades de autorregulação emocional ($\rho = .420$, $\alpha < .01$) do PCV-M.

No que se refere à dimensão tentativa de controlo do EMBU-P, ape-

nas se relaciona, de modo positivo, com as dificuldades de autorregulação emocional ($\rho = -0.215$, $\alpha < .05$), avaliadas através do PCV-M.

Por fim, a capacidade da criança em se autorregular emocionalmente é a dimensão do comportamento de vinculação da criança que evidencia uma correlação mais abrangente com a percepção materna das práticas parentais, visto que apresenta correlações com as 3 dimensões do EMBU-P; designadamente uma associação negativa com o suporte emocional ($\rho = -.276$, $\alpha < .01$) e uma associação positiva com as dimensões rejeição ($\rho = .420$, $\alpha < .01$) e tentativa de controlo ($\rho = .215$, $\alpha < .05$).

Análise de Regressão

Usando o método *stepwise*, foi conduzida uma análise de regressão linear, sendo analisado o contributo de cada variável independente para a predição da variável dependente, no sentido de avaliar o ganho para o modelo da adição dessa nova variável (Tabachnick e Fidell 2001). Como variável dependente desta análise, foi considerada a pontuação global do PCV-M, dado que se trata de um indicador da percepção materna sobre a segurança da vinculação. Como variáveis independentes, ou preditoras da segurança da vinculação da criança, foram selecionadas as dimensões do EMBU-P (suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo).

Nas Tabelas 2, 3 e 4, são apresentados os 3 modelos resultantes da regressão linear realizada, identificando como preditores da segurança da vinculação da criança as três dimensões do EMBU-P, respetivamente o suporte emocional, a rejeição e a tentativa de controlo. Todas as outras variáveis foram excluídas, na medida em que não se revelaram bons preditores da segurança da vinculação da criança.

Tabela 2 – Modelos resultantes da regressão linear para a predição da segurança da vinculação

	Coefficiente não estandardizado	Coefficiente estandardizado			
	B	Beta	t	R ² (R ² Aj.)	p
(Constante)	174.19	---	21.89	---	0.00
Rejeição EMBU-P	-1.5	-.52	-5.29	.27 (.26)	.000

De acordo com o Modelo 1, a rejeição materna, avaliada através do EMBU-P, é o melhor preditor da segurança da vinculação da criança, explicando 26% da variância e com o coeficiente de regressão estandardizado $\beta = -.52$.

Tabela 3 – Modelo 2 resultante da regressão linear para a predição da segurança da vinculação

	Coeficiente não estandardizado	Coeficiente estandardizado			
	B	Beta	t	R ² (R ² Aj.)	p
(Constante)	137.86	---	7.13	---	0.00
Rejeição EMBU-P	-1.22	-.42	-.42	.27 (.26)	0.00
Suporte Emocional EMBU-P	.59	.22	.22	.31 (.29)	.044

O Modelo 2 indica que a rejeição materna e o suporte emocional materno, avaliados através do EMBU-P, explicam, em conjunto, 29% da variância, com o coeficiente de regressão estandardizado $\beta = -.42$ para a variável rejeição e $\beta = .22$ para a dimensão suporte emocional do EMBU-P.

Tabela 4 – Modelo 3 resultante da regressão linear para a predição da segurança da vinculação

	Coeficiente não estandardizado	Coeficiente estandardizado			
	B	Beta	t	R ² (R ² Aj.)	p
(Constante)	142.96	---	7.50	---	.000
Rejeição EMBU-P	-.97	-.34	-2.99	.27 (.26)	0.04
Suporte Emocional EMBU-P	-.79	.29	2.65	.31 (.29)	0.10
Tentativa Controlo EMBU-P	-.71	-.22	-2.12	.35 (.32)	0.37

Por fim, o Modelo 3 incorpora três preditores da segurança da vinculação, a rejeição materna, o suporte emocional materno e a tentativa de controlo materno. O modelo final $[F(13,145) = , p < .001]$ apresenta o coeficiente de regressão estandardizado $\beta = -.22$ e explica 32% da variância.

Assim, resulta da leitura dos três modelos derivados da realização da

regressão linear que o melhor preditor da segurança da vinculação da criança é a rejeição materna, seguindo-se o suporte emocional materno e, por fim, a tentativa de controlo materna.

De seguida, procedeu-se a um *split file* por género da criança, a fim de verificar se existiam diferenças nos preditores da segurança da vinculação em função do género, o que permitiu concluir pela diferenciação dos modelos preditores em função do género da criança. Nas Tabelas 5 e 6, são apresentados os dois modelos resultantes para as crianças do género feminino e do género masculino, tomando como variável dependente a segurança da vinculação e, como variáveis predictoras da segurança da vinculação da criança, as dimensões do EMBU-P.

Tabela 5 – Regressão linear para a predição da segurança da vinculação nos rapazes

	Coefficiente não estandardizado	Coefficiente estandardizado			
	B	Beta	t	R ² (R ² Aj.)	p
(Constante)	186.01	---	15.51	---	0.00
Rejeição EMBU-P	-1.91	-.62	-4.45	.38 (.36)	0.00

Tabela 6 – Regressão linear para a predição da segurança da vinculação nas raparigas

	Coefficiente não estandardizado	Coefficiente estandardizado			
	B	Beta	t	R ² (R ² Aj.)	p
(Constante)	167.67	---	15.67	---	0.00
Rejeição EMBU-P	-1.23	-.46	-3.67	.21 (.19)	0.02

Pela análise das Tabelas 5 e 6, podemos constatar que a rejeição materna explica apenas 19.4% da variância, quando as crianças são do género feminino, enquanto, para o género masculino, o mesmo preditor explica 36.2% da variância.

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Em conclusão, os dados revelam associações entre as diferentes dimensões dos estilos educativos parentais e os comportamentos de vincu-

lação das crianças. Quando estabelecemos uma comparação entre o comportamento de vinculação da criança e o estilo educativo parental, os resultados evidenciam uma convergência entre a qualidade do comportamento de vinculação e a dimensão suporte emocional do EMBU-P, podendo ser constatado que o suporte emocional da mãe é essencial para uma vinculação segura do seu filho. Assim, as mães que providenciam maior suporte emocional aos seus filhos identificam, nos seus filhos, um comportamento de vinculação mais seguro. Os resultados estão de acordo com os estudos que têm identificado a dimensão suporte emocional, como tendo um impacto positivo no desenvolvimento da criança e como estando associada positivamente à segurança da vinculação da criança (Baumrind 1989, 1991; Davidov e Grusec 2006; Dishion e McMahon 1998; Grolnick e Gurland 2002; Kuppens, et al. 2009; Michels et al. 2010).

Em oposição, o presente estudo sublinha que as **mães que referem uma tendência para atitudes de rejeição e tentativa de controlo no seu comportamento parental percebem os seus filhos como mais ansiosos e com dificuldades de autorregulação emocional**, resultados que estão em linha com as conclusões de vários estudos, segundo as quais os estilos parentais que recorrem mais à rejeição e ao controlo estão associados a resultados desenvolvimentais mais negativos, designadamente a uma vinculação mais insegura (Brown e Whiteside 2008; Pereira et al. 2009).

No mesmo sentido, os estudos que utilizam o EMBU para avaliar a perceção do comportamento parental também têm descrito uma associação entre a vinculação insegura e níveis mais baixos de comportamento parental autorizado (Roelofs et al. 2008) ou, no mesmo sentido, que as crianças mais inseguras reportam níveis mais elevados de rejeição parental e de sobreproteção e, em oposição, níveis mais baixos de suporte/afeto parental (Muris et al. 2000, 2003).

As análises de regressão linear realizadas permitiram identificar que, de entre as dimensões da parentalidade avaliadas (suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo), é o comportamento parental caracterizado pela rejeição, mais precisamente a perceção materna de rejeição, o melhor preditor da insegurança dos comportamentos de vinculação da criança.

Com base nos resultados apresentados na literatura, tem sido sublinhada a importância de considerar o género de pais e filhos, quando se analisa o impacto do funcionamento familiar e do comportamento parental na qualidade da vinculação da criança (Brown, Schoppe-Sullivan,

Mangelsdorf e Neff 2010; Mikulincer e Florian 1999). No mesmo sentido, os resultados do presente estudo também vêm reforçar a necessidade de tomar em consideração a influência desta variável nos estudos realizados na área da parentalidade e da vinculação, na medida em que a análise de regressão com *split file* por gênero da criança permitiu verificar que a rejeição materna é melhor preditor da insegurança da vinculação entre os rapazes, em comparação com as raparigas.

A aplicação do teste *U de Mann-Whitney* na nossa amostra permitiu verificar que não existem diferenças de gênero, no que respeita à percepção que a mãe tem sobre o seu o comportamento parental, em relação aos rapazes comparativamente às raparigas, ainda que alguns estudos referem que, tanto o pai como a mãe, percebem maior rejeição dos rapazes em comparação com as raparigas (Canavarro e Pereira 2007). Todavia, ainda que não existam diferenças na percepção do comportamento parental em função do gênero da criança, os nossos resultados descrevem que a rejeição maternal, característica de um estilo parental não autorizado, é melhor preditor da insegurança da vinculação dos rapazes do que das raparigas, resultados que vão no sentido dos referidos por Baumrind (1989, 1991) que descreveu o estilo parental autorizado como sendo particularmente vantajoso para os rapazes.

Em síntese, podemos, então, dizer que quanto maior for o suporte emocional dos pais aos seus filhos em idade escolar, maior será a capacidade de autorregulação emocional destes últimos, com um impacto positivo no seu comportamento de vinculação e uma previsível influência favorável na aquisição futura de competências desenvolvimentais. Em oposição, quanto maior for a rejeição dos pais em relação aos seus filhos, menor será a segurança da vinculação da criança, sendo a rejeição maternal, em particular, o melhor preditor da insegurança da vinculação das crianças em idade escolar, especialmente para as crianças do gênero masculino.

Neste sentido, os pais que estimulam o desenvolvimento da autonomia, mantendo a monitorização e o controlo adequados e, em paralelo, que promovam o suporte e o afeto emocional à criança, fomentam a segurança da sua vinculação (Allen et al. 2003; Carvalho 2007; Minzi 2006). Em oposição, a utilização de estilos educativos parentais negativos que envolvam comportamentos de rejeição parental, negligência, maus-tratos ou controlo parental excessivo associa-se, geralmente, a estilos de vinculação mais inseguros (Benavente, Justo e Veríssimo 2009; Muris et al. 2000 2003; Minzi 2006).

Por fim, e a despeito do interesse empírico dos dados decorrentes deste estudo, importa referir as suas limitações metodológicas, a saber,

o número reduzido da amostra (N=93) e o facto de apenas se recolher a perceção da mãe sobre o comportamento parental, não se considerando, na presente investigação, a perceção do pai sobre o seu comportamento parental.

REFERÊNCIAS

- Achenbach, T.M.; Howell, C.T.
1993 'Are American Children's Problems Getting Worse?: A 13-Year Comparison'. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry* 32. pp.1145-54. *
- Ainsworth, M.D.S.; Blehar, M.C.; Waters, E.; Wall, S.
1978 *Patterns of Attachment: A Psychological Study of the Strange Situation*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Allen, J.P.; McElhaney, K.B.; Land, D.J.; Kuperminc, G.P.; Moore, C.W.; O'Beirne-Kelly, H.; Kilmer, S.L.
2003 'A Secure Base in Adolescence: Markers of Attachment Security in the Mother-Adolescent Relationship'. *Child Development* 74. pp.292-07.
- Barber, B.K.
2006 'Reintroducing Parental Psychological Control'. In *Intrusive Parenting: How Psychological Control Affects Children and Adolescents*. Editado por B.K. Barber. Washington: American Psychological Association. pp. 3-13.
- Baumrind, D.
1971 'Current Patterns of Parental Authority'. *Developmental Psychology Monographs* 4 (1). pp.1-103.
1989 'Rearing Competent Children'. In *Child Development Today and Tomorrow*, Editado por W. Damon. San Francisco: Jossey-Bass Inc. pp. 349-78.
1991 'Parenting Styles and Adolescent Development'. In *The Encyclopedia of Adolescence*. Editado por R. Lerner, A.C. Petersen e J. Brooks-Gunn. Nova Iorque: Garland. pp. 746-58.
- Benavente, R.; Justo, J.; Veríssimo, M.
2009 'Os Efeitos dos Maus-Tratos e da Negligência sobre as Representações da Vinculação em Crianças em Idade Pré-Escolar'. *Análise Psicológica* 1 (27). pp.21-31.

- Bosmans, G.; Braet, C. van Leeuwen K.; Beyers, W.
2006 'Do Parenting Behaviors Predict Externalizing Behavior in Adolescence, or Is Attachment the Neglected 3rd Factor?' *Journal of Youth and Adolescence* 35 (3). pp.373-83.
- Bowlby, J.
1973 *Attachment and Loss. Vol 2: Separation*. Londres: Basic Books.
- Bowlby, J.
1984 [1969] *Attachment and loss. Vol 1: Attachment*. London: Basic Books.
- Bretherton, I.
2008 'Les Histoires à Compléter pour l'Étude des Représentations d'Attachement'. *Enfance* 1. pp.13-
- Brown, A.M.; Whiteside, S.P.
2008 'Relations Among Perceived Parental Rearing Behaviors, Attachment Style, and Worry in Anxious Children'. *Anxiety Disorders* 22. pp.263-72.
- Brown, G.L.; Schoppe-Sullivan, S.J.; Mangelsdorf, S.C.; Neff, C.
2010 'Observed and Reported Supportive Coparenting as Predictors of Infant-Mother and Infant-Father Attachment Security'. *Early Child Development and Care* 180 (1-2). pp.121-37.
- Canavarro, M.C.
1996 'Avaliação das Práticas Educativas através do EMBU: Estudos Psicométricos'. *Psychologica* 16. pp.5-18.
1999 *Relações Afetivas e Saúde Mental*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Canavarro, M.C.; Pereira, A.I.F.
2007 'A Avaliação dos Estilos Parentais Educativos na Perspetiva dos Pais: A versão portuguesa do EMBU-P'. *Teoria, Investigação e Prática* 2. pp.271-86.
- Carvalho, M.A.
2007 Vinculação, Temperamento e Processamento de Informação: Implicações nas Perturbações Emocionais e Comportamentais no Início da Adolescência. Tese de Doutoramento. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.
- Castro, L.; Pablo, J.; Gómez, J.; Arrindell, W.A.; Toro, J.
1997 'Assessing Rearing Behavior from the Perspective of the Parents: a New form of the EMBU'. *Soc. Psychiatry Psychiatr. Epidemiol.* 32. pp.230-

- Cruz, O.
2005 *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto.
- Darling, N.; Steinberg, L.
1993 'Parenting Style as Context: An Integrative Model'. *Psychological Bulletin* 113 (3). pp.487-96.
- Davidov, M.; Grusec, J.E.
2006 'Multiple Pathways to Compliance: Mothers' Willingness to Cooperate and Knowledge of their Children 's Reactions to Discipline'. *Journal of Family Psychology* 20 (4). pp.705-08.
- Minzi, M.C.R. de
2006 'Loneliness and Depression in Middle and Late Childhood: The Relationship to Attachment and Parental Styles'. *The Journal of Genetic Psychology* 167 (2). pp.189-210.
- De Wolff, M.S.; Ijzendoorn, M.H. van
1997 'Sensitivity and Attachment: A Meta-Analysis on Parental Antecedents of Infant Attachment'. *Child Development* 68. pp.571-91.
- Dias, P.; Soares, I.; Freire, T.
2002 'Perceção Materna do Comportamento de Vinculação da Criança aos 6 Anos: Construção de uma Escala'. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática* 2. pp.335-47.
- Dias, P.; Soares, I.; Freire, T.; Rios, S.
2007 'Escala de Perceção do Comportamento de Vinculação da Criança aos 6 Anos: Versão para Mães (PCV-M) e Versão para Professores (PCV-P)'. In *Avaliação Psicológica. Volume III: Instrumentos Validados para a População Portuguesa*. Editado por M.M. Simões, C. Machado, M.M. Gonçalves, e L.S. Almeida. Coimbra: Quarteto Editora. pp.229-47.
- Dishion, T.J.; McMahon, R.J.
1998 'Parental Monitoring and the Prevention of Child and Adolescent Problem Behavior: A conceptual and Empirical Foundation'. *Clinical Child and Family Psychology Review* 1. pp.61-75.
- Dwyer, K.M.
2005 'The Meaning and Measurement of Attachment in Middle and Late Childhood'. *Human Development* 48. pp.155-82.

- Farate, C.; Pocinho, M.; Machado, P.
2010 *Repercussions of Tobacco, Alcohol and Drugs on Adolescent Health: Modalities of Interaction and Reciprocal Influence.* Saarbrucken: Lambert Academic Publishing.
- Franco, N.; Levitt, M.J.
1998 'The Social Ecology of Middle Childhood: Family Support, Friendship Quality, and Self-Esteem'. *Family Relations* 47 (4). pp.315-21.
- Grolnick, W.S.; Gurland, S.T.
2002 'Mothering: Retrospect and Prospect'. Editado por J. McHale e W.S. Grolnick. In *Retrospect and Prospect in the Psychological Study of Families*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates. pp.5-33.
- Howard, K.S.
2010 'Paternal Attachment, Parenting Beliefs and Children's Attachment'. *Early Child Development and Care* 180 (1-2). pp.157-71.
- Grusec, J.E.; Goodnow, J.J.; Kuczynski, L.
2000 'New Directions in Analysis of Parenting Contributions to Children's Acquisition of Values'. *Child Development* 71 (1). pp.205-11.
- Grusec, J.E.; Ungerer, J.
2003 'Effective Socialization as Problem Solving and the Role of Parenting Cognitions'. In *Handbook of Dynamics in Parent-Child Relations*,. Editado por L. Kuczynski. Thousand Oaks: Sage Publications. pp. 211-28
- Hoghugh, M.
2004 Parenting: An Introduction. In M. Hoghugh e N. Long . *Handbook of parenting: Theory and Research for Practice*. Londres: Sage Publications. 1-18.
- Ijzendoorn, M.H. van; Sagi-Schwartz, A.
2008 'Cross-Cultural Patterns of Attachment: Universal and Contextual Dimensions'. In *Handbook of Attachment: Theory, Research, and clinical Applications*. Editado por J. Cassidy e P.R. Shaver. Nova Iorque: Guilford Press. pp.880-905.
- Karavasilis, L.; Doyle, A. B.; Markiewicz, D.
2003 'Associations Between Parenting Style and Attachment to Mother in Middle Childhood and Adolescence'. *International Journal of Behavioral Development* 27 (2). pp.153-64.

- Kerns, K.A.; Aspelmeier, J.E.; Gentzler, A.L.; Grabill, C.
2001 'Parent-Child Attachment and Monitoring in Middle Childhood'. *Journal of Family Psychology* 15. pp.69-81.
- Kerns, K.A.; Schlegelmilch, A.; Morgan, T.A.; Abraham, M.M.
2005 'Assessing Attachment in Middle Childhood'. In *Attachment in Middle Childhood*. Editado por K.A. Kerns e R.A. Richardson. Nova Iorque: Guilford Press. pp.46-70.
- Kerns, K.A., Tomich, P.L.; Kim, P.
2006 'Normative trends in children's perceptions of availability and Utilization of attachment figures in middle childhood'. *Social Development* 15 (1). pp.1-22.
- Kuppens, S.; Grietens, H.; Onghena, P.; Michiels, D.
2009 'Measuring Parenting Dimensions in Middle Childhood: Multitrait-Multimethod Analysis of Child, Mother, and Father Ratings'. *European Journal of Psychological Assessment* 25 (3). pp.1-8.
- Maccoby, E.E.; Martin, J.A.
1983 'Socialization in the Context of the Family: Parent-Child Interaction'. In *Handbook of Child Psychology*. Vol. 4: *Socialization, Personality, and Social Development*. Editado por P.H. Mussen e E. M. Hetherington. Nova Iorque: John Wiley. pp. 1-101
- Martins, C.; Soares, I.; Grupo de Estudos de Vinculação
2007 'Contributos Metodológicos para a Investigação em Vinculação: Métodos e Instrumentos de Avaliação'. In *Relações de Vinculação ao Longo do Desenvolvimento: Teoria e Avaliação*. Editado por I. Soares. Braga: Psiquilíbrios. pp. 241-86.
- Marvin, R.S.; Britner, P.A.
1999 'Normative Development: The Ontogeny of Attachment'. In *Handbook of Attachment: Theory, Research and Clinical Applications*. Editado por J. Cassidy e P.R. Shaver. Nova Iorque: Guilford Press. pp.44-67.
- Maysless, O.
2005 'Ontogeny of Attachment in Middle Childhood: Conceptualization of Normative Changes'. In *Attachment in Middle Childhood*. Editado por K.A. Kerns e R.A. Richardson. Nova Iorque: Guilford Press. pp.1-23.

- Michiels, D.; Grietens, H.; Onghena, P.; Kuppens, S.
2010 'Perceptions of Maternal and Paternal Attachment Security in Middle Childhood: Links with Positive Parental Affection and Psychosocial Adjustment'. *Early Child Development and Care* 180 (1-2). pp. 211-25.
- Mikulincer, M.; Florian, V.
1999 'The Association Between Parental Reports of Attachment Style and Family Dynamics, and Offspring's Reports of Adult Attachment Style'. *Family Process* 38 (2). pp.243-57.
- Muris, P.; Bosma, H.; Meesters, C.; Schouten, E.
1998 'Perceived Parental Rearing Behaviours: A Confirmatory Factor Analytic Study of the Dutch EMBU for Children'. *Person, Individ. Diff.*, 24 (3). pp.439-42.
- Muris, P.; Meesters, C.; Merckelbach, H.; Hülsenbeck, P.
2000 'Worry in Children is Related to Perceived Parental Rearing and Attachment'. *Behaviour Research and Therapy* 38. pp.487-97.
- Muris, P.; Meesters, C.; van der Berg, S.
2003 'Internalizing and Externalizing Problems as Correlates of Self-Reported Attachment Style and Perceived Parental Rearing in Normal Adolescents'. *Journal of Child and Family Studies* 12 (2). pp.171-83.
- Newman, D. M.; Grauerholtz, L.
2002 *Sociology of Families*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Page, T.; Bretherton, I.
2001 'Mother- and Father-Child Attachment Themes in the Story Completions of Pre-Schoolers from Post-Divorce Families: Do They Predict Relationships With Peers and Teachers?'. *Attachment e Human Development* 3 (1) pp.1-29.
- Pereira, A.I.F.; Canavarro, C.; Cardoso, M.F.; Mendonça, D.
2009 'Patterns of Parental Rearing Styles and Child Behaviour Problems among Portuguese School-Aged Children'. *J Child Fam Stud.* 18. pp.454-64.
- Perris, C.; Jacobsson, L.; Lindstrom, H.; Knorrning, L von.; Perris, H.
1980 'Development of a New Inventory Assessing Memories of Parental Rearing Behaviour'. *Acta Psychiatr Scand* 61 (4). pp.265-74.

- Pettit, G.; Bates, J.; Dodge, K.
1997 'Supportive Parenting, Ecological Context, and Children's Adjustment: A Seven-Year Longitudinal Study'. *Child Development* 68. pp.908-23.
- Pinderhughes, E.E.; Dodge, K.A.; Bates, J.E.; Pettit, G.S., Zelli, A.
2000 'Discipline responses: Influences of parents' socioeconomic status, ethnicity, beliefs about parenting, stress, and cognitive-emotional processes'. *Journal of Family Psychology*, 14, 380-400.
- Roelofs, J., Meesters, C.; Huurne, M. ter ; Bamelis, L.; Muris, P.
2006 On the Links Between Attachment style, Parental Rearing Behaviors, and Internalizing and Externalizing Problems in Non-Clinical Children. *Journal of Child and Family Studies*. 15 (3). pp.331-44.
- Roelofs, J.; Meesters, C.; Muris, P.
2008 'Correlates of self-reported Attachment (In)Security in Children: The Role of Parental Romantic Attachment Status and Rearing Behaviors'. *J Child Fam Stud* 17. pp.555-66.
- Roskam, I.; Henry, M.; Collin, B.; Manil, P.
2008 'Éducation Parentale et Non Parentale: Étude Comparative auprès de Dyades Parent-Infant en Milieu Familial et Éducateur-Enfant en Milieu Résidentiel'. *Enfance* 2. pp.158-
- Sánchez, F.L.
2008 'Evolución de los Vínculos de Apego en las Relaciones Familiares'. In *Familia y Desarrollo Humano*. Editado por M. J. Rodrigo e J. Palacios. Madrid: Alianza Editorial. pp. 117-39.
- Sigel, I.E.; McGillicuddy-De Lisi, A.V.
2002 'Parent Beliefs are Cognitions: The Dynamic Belief Systems Models'. Editado por M.H. Bornstein. In *Handbook of Parenting. Volume 3: Being and Becoming a Parent*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates. pp.485-508.
- Soares, I.
1996 'Vinculação: Questões Teóricas, Investigação e Implicações Clínicas'. *Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria* 11. pp.35-71.

- 2002 A Vinculação Vinculada. Lição de Síntese Apresentada para Provas de Agregação. Departamento de Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho.
- 2007 'Desenvolvimento da Teoria e da Investigação da Vinculação'. In *Relações de Vinculação ao Longo do Desenvolvimento: Teoria e Avaliação*. Editado por I. Soares. Braga: Psiquilíbrios. pp. 13-45.
- Sroufe, L.A.
- 2002 'From Infant Attachment to Promotion of Adolescent Autonomy: Prospective, Longitudinal Data on the Role of Parents in Development'. In *Parenting and the Child's World: Influences on Academic, Intellectual, and Socioemotional Development*. Editado por J.G.Borkowski, S.L. Ramey e M. Bristol-Power. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates. pp.187-202.
- Tabachnick, B.G.; Fidell, L.S.
- 2001 *Using Multivariate Statistics*. Boston: Allyn and Bacon.
- Thompson, R.A.; Raikes, H.A.
- 2003 'Toward the Next Quarter-Century: conceptual and Methodological Challenges for Attachment Theory'. *Development and Psychopathology* 15. pp.691-718.
- Ungerer, J.; McMahan, C.
- 2005 'Attachment and Psychopathology: A Lifespan Perspective'. In *Psychopathology in the Family*. Editado por J.H. Hudson e R.M. Rapee. Sydney: Elsevier. pp.35-52.
- Weinfield, N.S.
- 2005 'Assessment of Attachment in Middle Childhood: A Return to Theory'. *Human Development* 48. pp.188-94.
- Weinfield, N.S.; Sroufe, L.A.; Egeland, B.; Carlson, E.A.
- 1999 'The Nature of Individual Differences in Infant-Caregiver Attachment'. In *Handbook of Attachment: Theory, Research, and Clinical Applications*. Editado por J. Cassidy e P. S. Shaver. Nova Iorque: Guilford Press. pp. 68-88.
- Younger, J. L.; Corby, B. C.; Perry, D. G.
- 2005 'Dimensions of Attachment in Middle Childhood'. In *Attachment in Middle Childhood*. Editado por K. A Kerns e R. A. Richardson. Nova Iorque: Guilford Press. pp. 71-88

Estilos Educativos Parentais e Comportamentos de Vinculação das Crianças em Idade Escolar

Parental Rearing Styles and Attachment Behaviors Among School-Age Children

Sumário

Summary

Este estudo examina a relação entre o estilo educativo da mãe e a qualidade da vinculação de crianças em idade escolar, avançando um modelo preditor da segurança do comportamento de vinculação. A amostra é composta por mães de 93 crianças em idade escolar que preencheram o EMBU-P para avaliar a percepção do seu estilo educativo, e o PCV-M para avaliar a percepção do comportamento de vinculação do filho. Os resultados indicam que a rejeição e o suporte emocional constituem as dimensões do comportamento materno que mais influenciam, em sentidos opostos, a segurança dos comportamentos de vinculação das crianças em idade escolar.

Palavras-chave: crianças, idade escolar, comportamentos de vinculação, estilos educativos parentais.

This study examines the relationship between mother's parental rearing style and the quality of attachment of school-age children, and advances a model to predict the security of attachment behavior. The sample comprises 93 mothers of school-aged children who completed the EMBU-P, to assess the perception of their rearing style, and the PCV-M to assess perception of their children's attachment behavior. The results indicate that rejection and emotional support are the dimensions of maternal behavior that most influence, albeit in opposite directions, the security of the attachment behavior among school-aged children.

Key words: children, school-aged, attachment behavior, parental rearing style.